

As maiores calinadas nos exames nacionais



Ricardo Reis, heterónimo de Fernando Pessoa, passava a roupa a ferro e havia uma corrente artística chamada 'pintelhismo'. Estes foram os dois erros mais dramáticos dos exames nacionais deste ano. Nos testes ou nas aulas, os disparates são muitos: há quem tenha dito que Lenine e Stalone eram líderes comunistas e que Salazar foi um rei.

"(...) E assim, Lídia, à lareira, como estando/deuses lares, ali na eternidade/Como quem compõe roupas/O outrora componhamos/Nesse desassossego que o descanso/Nos traz às vidas quando só pensamos/Naquilo que já fomos/E há só noite lá fora". O poema de Ricardo Reis, impresso no enunciado do exame nacional de Português do 12.º ano, fez a vida negra aos estudantes; foi-lhes pedido para explicitarem os valores simbólicos do espaço e do tempo em que ocorrem as recordações do passado, mas alguns dos alunos, em vez de se referirem à lareira como símbolo de tranquilidade e de segurança e à noite como tempo de eleição em Ricardo Reis para representar a velhice e a aproximação da morte, preferiram explorar uma interpretação mais livre.

Alguns responderam que Ricardo Reis "pôs-se à lareira porque tinha vindo do trabalho e estava cansado". Outros optaram por argumentar que o heterónimo de Fernando Pessoa "esteve a compor a roupa" e foi para a lareira para "descansar das lides domésticas". Houve quem dissesse que "tinha acabado de passar a ferro". E ainda: "O tempo em

que ocorreram as recordações estava mau e por isso ele foi para a lareira".

Mas nem só a língua portuguesa foi maltratada nos exames nacionais. A média de 12 das 19 disciplinas do secundário que contemplam exames nacionais foi negativa. O resultado da prova de Matemática foi o pior dos últimos sete anos: média de 8,2 com uma taxa de reprovações de 20%.

Já num exame do ensino profissional, na cadeira de História da Cultura e das Artes, um estudante, questionado sobre o papel das universidades na Idade Média, disse servir para "conviver e socializar". Outro, numa tirada para maiores de 18, confundiu a corrente artística do "pontilhismo" com "pintelhismo".

Irene Mota, professora de Física em Lisboa, não esquece o teste em que um aluno, a quem foi pedido para escrever sobre a gravidade lunar, respondeu: "Na Lua não há gravidade, mas sim 'lunidade'".

A maior sumidade na recolha dos disparates dos estudantes portugueses é Luís Mascarenhas Gaivão, 64 anos, que compilou em três livros – História de Portugal em Disparates, Nova e Inédita História de Portugal em Disparates e História Desatinada de Portugal – as alarvidades redigidas pelos seus pupilos durante os seus 26 anos de carreira. "Há gafes que são muito frequentes. Uma delas está relacionada com o poder dos media e com o que os miúdos ouvem a toda a hora. Se hoje perguntasse num exame quem é Jesus, mui-

tos responderiam que é treinador do Benfica", diz Gaivão. "No início dos anos 80, o treinador do Benfica era o Lajos Baróti e cheguei a ler respostas como 'Portugal expulsou os espanhóis na Batalha de Lajos Baróti', quando queriam dizer 'batalha de Aljubarrota'". "Também era conhecida como Batalha de Alves Barrota", conta o professor.

Gaivão leu as coisas mais inacreditáveis; que os maiores monumentos manuelinos são "a Sé da Catedral, o Mosteiro do São Jerónimo e a Janela do Ventre do Cristo", que "Marcello Caetano foi o Rei que sucedeu ao Rei Salazar" e que Humberto Delgado "foi o soldado português que se revoltou contra a República". A este último, ouviu chamarem-lhe tudo: Alberto Delgado, Humberto Delegado e até Humberto Coelho. Tal como Zeca Afonso, que um rapaz chamou de "Seca Afonso" ou Otel Saraiva de Carvalho, apelidado de "Otovelo" e "Hotelo".

"A História é uma das disciplinas mais propícias às respostas disparatadas", diz Gaivão. "Há uma grande confusão de tempos históricos, há muita dificuldade na análise do tempo recuado e muita tentativa de memorização sem compreensão dos factos". O professor levou centenas de vezes as mãos à cabeça, mas também se lembra de algumas gargalhadas. Leu que os primeiros colonizadores dos Açores tinham sido os "flamingos" e os "almaricanos" e que a Cabo Verde chegaram os "finlandésios", que a União Nacional "era o livro do Salazar com as ideias

dele" e que a PIDE "prendia os que estavam contra o Estado Novo e triturava-os".

Mas a lista de imprecisões históricas é muito extensa. Dos quatro professores desta disciplina com que o SOL falou, todos tinham memória de disparates épicos: "Os escravos dos romanos eram fabricados em África, mas não eram de boa qualidade"; "Ao princípio os índios eram muito atrasados mas com o tempo foram-se sifilizando"; "Os utensílios usados no neolítico eram tachos e panelas"; "Os antigos egípcios desenvolveram a arte funerária para que os mortos vivessem melhor"; "Na II guerra mundial toda a Europa foi vítima de barbie (barbárie)" ou "Lenini e Stalone eram comunistas na Rússia". Estela Gaspar, professora de Lisboa, jamais esquecerá a resposta de uma aluna à pergunta: "Qual o ideal do homem do Renascimento?". "O homem ideal do Renascimento é o João, do 10.ºA, porque renasceu para mim".

Também em Geografia se cometem erros crassos. Confundem o aquecimento global com o buraco do ozono. E as matérias em que erram mais são o estado do tempo e a circulação geral da atmosfera e a Política Agrícola Comum".

No entanto, há gafes em temas mais simples. Emília Lemos já leu num teste que "os climas temperados não têm continentes a sul do Equador". E, no passado, outros professores de Geografia embasbacaram-se com frases como: "A Latitude é um circo que passa por o Equador, dos zero aos 90º" e "o caudal de um rio, é quando um rio vai andando e deixa um bocadinho para trás".

No ano passado, uma aluna da região norte do país teimou durante uma apresentação que Miami ficava na Alemanha.

Em alguns fóruns dedicados ao ensino, também há registos das respostas mais estapafúrdias nas matérias ligadas à Biologia e às Ciências Naturais. Frases como: "A Terra vira-se nela mesmo e a esse difícil movimento chama-se arrotação", "as aves têm um dente na boca que se chama bico" ou "O coração é o único órgão que funciona 24 horas por dia".

Por sua vez, Paulo Guinote, professor de Português e autor do blogue A Educação do Meu Umbigo, constata a emergência de alguns erros derivados das novas tecnologias da informação: "Em pequenos exercícios de produção escrita, como seja o pedido para escrever um convite ou uma pequena carta, foi-se tornando comum a escrita típica dos sms ou das mensagens de chat, incluindo abreviaturas como pk (porque), ou termos de origem inglesa, mais ou menos adulterados, como luv (love-amor)".

(Excertos)
online@sol.pt